

TEMPVS EM SÊNECA: ABORDAGEM DE UM CONCEITO-CHAVE

Maíra Meyer Bregalda
[Mestranda, IEL – UNICAMP]

ABSTRACT

The concept of *tempus* is present in a great part of Seneca's work, being the "main axis around which everything else moves" (Goldschmidt). The philosopher's analysis of time has a moral scope: *tempus*, for him, is that time which is lived out in the anguish of the fleeting moment. We present here a selection, translation and comment of pieces from Seneca's epistles, focusing on the issue of temporality in the stoic philosopher. We employ, as a starting point, an anthology of texts that was organized by Alfonso Traina. The comments on the translation develops some grammatical and stylistic aspects, as well as intertextual references to the respective works. Such considerations have been taken into account, in our study, aiming at a better understanding of the concepts and nuances that can be associated with *tempus* in Seneca's writings.

Keywords: Seneca; *tempus*; *uita*; stoicism; philosophy.

O presente texto originou-se da leitura de fragmentos de epístolas de Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) em que foi analisada a questão do tempo (*tempus*), eixo principal ao redor do qual "se movem todas as coisas"¹. O assunto merece especial atenção; as discussões acerca do tema são, não raro, controversas, e certamente não conclusivas. A proposta deste estudo introdutório tem como objetivo compreender a noção de *tempus* nos escritos senequianos abordados, observando o modo como é apresentada e suas implicações. Pormenores sobre a física e a lógica estóicas serão considerados apenas na medida em que

1. Cf. Goldschmidt, *Le système stoïcien et l'idée du temps*. Paris, 1977, p. 30-31.

servirem a esse intuito. Serão apresentadas, a título de exemplo, traduções selecionadas de pequenos trechos de epístolas, com notas explicativas.

A variedade e a modificação na representação do tempo ilustra a complexidade da noção de que tratamos. Haja vista, por exemplo, a célebre expressão *carpe diem*, que teve origem entre os gregos e foi cunhada por Horácio,² a máxima de Benjamin Franklin “Time is money” e a representação pictórica dos relógios derretidos de Salvador Dalí. Na obra do pintor espanhol, a flacidez, que se manifesta em qualquer objeto, estende-se à interação espaço-tempo, destacando sua materialidade.³

Curiosamente, para os gregos, além do tempo relacionado à ação (*khrónos*), havia também aquele cujo sentido era mais abstrato (*kairós*).⁴ Para os romanos, *tempus* apresentava ambas as conotações. No entanto, a etimologia da palavra em latim está relacionada à dimensão das ações. Dirá Benveniste, por sua vez: “*Tempus* designa uma situação de fato, independente do desejo ou da imaginação do homem, e tal situação sempre se apresenta como única, inconstante, caracterizando um momento particular da **duração** em que é realizada”⁵.

Sêneca “pinta” o quadro do tempo utilizando-se de recursos lingüísticos, como, por exemplo, certos verbos propícios à elaboração de metáforas. Essas terminarão por construir a imagem desse *topos* fundamental em suas obras. Para que possamos apreciar como são construídos tais recursos, passemos, primeiramente, à breve exposição de alguns fragmentos que ilustram as principais metáforas observáveis nos textos: o rio, o ponto e o abismo.⁶

1. O RIO

Na epístola 49, o decorrer do tempo é comparado ao fluir das águas de um rio. Nesse trecho, tal metáfora se relaciona com o curso da vida de cada um: *non solebat mihi tam uelox tempus uideri: nunc incredibilis cursus apparet* (“O tempo não me costumava parecer tão veloz: agora seu curso se mostra

2. *Carpe diem, quam minimum in credula postero* (“aproveita o momento, confiando o mínimo possível no futuro”). Horácio, *Ode* 1.11.8.

3. A representação de objetos flácidos ou como se estivessem derretendo generalizou-se em sua obra a partir de *La persistencia de la memoria*. Não nos coube, no presente trabalho, fazer uma análise detalhada em história da arte. Para tanto, cf. Gombrich, *A história da arte* (tradução de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

4. Mais literalmente, “momento conveniente, oportuno; tempo favorável, ocasião; oportunidade”.

5. É. Benveniste, “*Latin ‘tempus’*”. In: *Mélanges de Philologie, de Littérature et d’Histoire anciennes offerts à Alfred Ernout*, pp. 11-16. Grifo nosso.

6. Segundo Traina, essas são as metáforas preferidas de Sêneca, ao discorrer sobre o tempo. Cf. Traina, “Il tempo e la saggezza”. In: Seneca, *La brevità della vita*, pp. IX-XIX.

incrível”). A idéia de *cursum* evidencia-se também na epístola 12, na qual o tempo, o curso da vida, é uma dádiva da Fortuna: *uixi et quem dederat cursum fortuna, peregi*⁷ (“vivi, e o curso que a Fortuna deu, terminei”). Em uma passagem da epístola 58, o rio assume um certo aspecto de *dominus*, fazendo com os seres humanos o que bem lhe convém: *corpora nostra rapiuntur fluminum more* (“nossos corpos são levados ao sabor das ondas”).⁸

2. O PONTO

O ponto, outra metáfora relacionada ao tempo, reforça a constatação de quão diminuta é a vida humana: *punctum est quod uiuimus et adhuc puncto minus* (“um ponto é o que vivemos, menos ainda que um ponto” – *Ep.* 49, 3). Na consolação a Márcia, outro trecho ilustra claramente a ínfima dimensão da vida, principalmente se comparada ao universo: *Terram hanc cum urbibus populisque et fluminibus et ambitu maris puncti loco ponimus, ad uniuersa referentes: minorem portionem aetas nostra quam puncti habet si omni tempori comparetur, cuius maior est mensura quam mundi* (“Esta terra, com suas cidades e povos, seus rios e os limites do mar, situamos em um ponto no espaço, relacionados ao universo: nossa vida contém uma parte menor do que um ponto, se comparada a todo o tempo, cuja extensão é maior que o mundo” – 21, 2). A seguinte passagem, da mesma forma, poderia servir de exemplo à afirmação encontrada na epístola 49, em que a vida também é considerada um ponto: *In hoc punctum coniectus es, quod ut extendas, quo usque extends? Quid fles? Quid optas? Perdis operam* (“Foste atirado neste ponto para prolongares tua vida? Até quando a prolongarás? Por que choras? Por que ficas desejando coisas? Esforças-te em vão” – *Ep.* 77, 12).

A metáfora do ponto, ainda que não explícita, pode ser verificada, ainda, na epístola 99, 10: *Propone in temporis profundi uastitatem et uniuersum complectere, deinde hoc, quod aetatem uocamus humanam, compara immenso: uidebis, quam exiguum sit, quod optamus, quod extendimus* (“Põe diante dos teus olhos a vastidão da profundidade do tempo e abarca o universo; depois, compara isso que chamamos de vida humana ao infinito: verás quão diminuto é o que escolhemos e prolongamos”).

3. O ABISMO

Se nossa vida é um ponto que, mais cedo ou mais tarde, será levado por um rio, pode-se dizer que ela possui um destino certo: o abismo, em que

7. Virgílio, *Eneida*, IV, 653.

8. Cf. *De breuitate uitae*, II, 2: *quibusdam nihil quo cursum derigant placet* (“alguns não decidiram para onde rumar sua viagem”). É privilégio do *sapiens* ter o controle da própria vida e de suas ações.

caem e permanecem todas as coisas: *quidquid temporis transiit...una iacet; omnia in idem profundum cadunt* (“tudo aquilo que passou...jaz em um todo; tudo cai no mesmo abismo” – *Ep.* 49, 3). A celeridade do tempo também acaba por nos jogar no precipício: *agit nos agiturque uelox dies* (“o dia veloz nos empurra e também a si mesmo” – *Ep.* 108, 24. Grifos nossos).

Pareceu-nos que, no seguinte trecho, tem-se a idéia de que as pessoas estão indo em direção ao abismo, onde, afinal, jazem todas as coisas: *obserua hunc comitatum generis humani eodem tendentis* (“repara na comitiva de seres humanos indo para o mesmo lugar” – *Ep.* 99, 7).

A visão ora de um rio arrastando nossas vidas, ora de um abismo as recolhendo, é reavivada por alguns verbos que expressam certos aspectos de concretude: por vezes o tempo, assumindo a aparência de uma das metáforas acima, leva embora (*fert*) e põe por terra (*deducit*) tudo que é mundano, para que, enfim, possam jazer (*iacent*) no abismo. Vejamos alguns verbos encontrados nas epístolas analisadas:

- relacionados a rio: *fluere* e seus derivados – *fluit tempus et avidissimos sui deserit*, “o tempo se esvai e deixa alguns extremamente ávidos dele” (*Naturales Quaestiones* 6, 32, 10); *iuga montium diffluunt*, “os cimos das montanhas se desfazem” (*Ep.* 91, 11); *non enim apud nos pars eius ulla subsedit. transmissa et effluxit*, “pois não resta em nós parte alguma dela – sc. da vida –, ela transpôs-se e passou (*Ep.* 22, 17)”; *elabor* – *in spem uiuentibus proximum quodque tempus elabatur*, “àqueles que vivem de esperança, mesmo o dia seguinte se esvai” (*Ep.* 101, 10).

- relacionado a ponto: *pendere* – *in puncto fugientis temporis pendeo, et magni est modicum fuisse*, “estou suspenso no ponto de um tempo que foge, e já é muito que tenha existido, ainda que curto” (*Naturales Quaestiones*, 6, 32, 10).

- relacionados a abismo: *iacere, cadere* – *Quidquid temporis transiit, una iacet; omnia in idem profundum cadunt;*⁹ *casurae stant*, “elas estão em pé somente para cair” (*Ep.* 91, 12); *Quotiens Asiae, quotiens Achaiae urbes uno tremore ceciderunt?*, “Quantas vezes as cidades da Ásia Menor e as da Acaia vieram abaixo devido a um único tremor de terra?” (*Ep.* 91, 9).

Rio, ponto, abismo. O eterno passar das coisas e a fugidia condição do tempo percorrem toda a obra de Sêneca. Traina dirá que o tempo, para o filósofo, é aquele vivido na ânsia de sua fugacidade.¹⁰ Mas esse sentido, diga-se, “negativo” de *tempus* tem como motivo algo mais profundo. Isso porque, se toda vida é tempo, a evidência dessa realidade se faz presente em determinados momentos críticos: quando algo deixou de ser, quando algo nos abandonou. Segundo Zambrano, “o tempo é substância de nossa vida e, por isso, está abaixo dela, como fundo permanente de tudo o que vivemos;

9. *V. supra.*

10. *Op. cit.*, p. X.

descobrir esse fundo tem algo de queda que só tem lugar em um especial estado de angústia, desengano ou vazio. Descobrir o tempo é descobrir o engano da vida, seu último ardil”.¹¹

O desenvolvimento de algumas cartas a Lucílio tem como ponto de partida um fato tomado como verídico. Como exemplo, verifica-se, na epístola 91, que Sêneca discorre sobre a angústia do tempo servindo-se de uma ocorrência histórica: a destruição da cidade de Lião, arrasada por um incêndio (*Ep.* 91, 10). O estóico, então, passa a enumerar outras cidades que não escaparam ou não escaparão de ser devastadas (*Ep.* 91, 9). Pois, como diz o cordovês, “as criações da própria natureza são maltratadas e, por isso mesmo, devemos suportar com tranqüilidade a devastação das cidades” (*Ep.* 91, 11).

Frente à certeza do inevitável, resta a Sêneca alertar seu discípulo: *cogitanda sunt omnia et animus aduersus ea quae possunt euenire, firmandus* (“deve-se estar preparado para tudo e fortalecer a alma contra o que pode acontecer” – *Ep.* 91, 7). Em outra passagem, dirá, reafirmando, de modo amplificado, a incerteza do amanhã: *dic mihi dormituro: ‘potes non expergisci’; dic experrecto: ‘potes non dormire amplius’; dic exeunti: ‘potes non reuertí’; dic redeunti: ‘potes non exire’* (“Dize-me, quando eu for dormir: ‘podes não acordar’; dize quando eu acordar: ‘podes não mais dormir’; dize quando eu sair: ‘podes não voltar’; dize quando eu voltar: ‘podes não sair’” – *Ep.* 49, 11).

Não apenas a noção de tempo, mas também elementos relacionados a sua realidade instável e incerta são, nos escritos de Sêneca, magnificamente ilustrados por imagens, que possuem um forte poder de persuasão. Entre elas está a figura da personificação: atribuindo características concretas a entidades abstratas – Tempo, Fortuna, Natureza (*natura*), Velhice (*uetustas*) – , o filósofo traz aos olhos¹² de seus discípulos tais entidades, de modo que, personificadas, possam convencê-los ora a economizar o tempo, ora a não esperar nada em relação ao futuro, ora ainda a se conformar com a destruição de todas as coisas.

Como se sabe, tal personificação, ou melhor, a atribuição de características próprias a seres animados a outros, inanimados, é a *fictio personae*, uma categoria da metáfora.¹³ Nos tópicos a seguir, exemplificaremos cada um dos tipos de imagens relacionados à idéia de tempo.

11. M. Zambrano, *El pensamiento vivo de Sêneca*, p. 71.

12. A esse respeito, ver, adiante, a tradução de *Ad Marciam de consolatione* 10, 1-4 e *Ep.* 49.

13. A personificação, para o escritor antigo, constituía-se em uma viva criação da imaginação, fazendo parte do cerne de sua cultura. A concessão de sentimentos e inteligibilidade a uma entidade abstrata remonta à idade arcaica do pensamento grego, sendo freqüente na maior parte das escolas filosóficas, que recorrem a ela visando a uma intenção didática. Os estóicos, por sua vez, não romperam com a tradição. Cf. M. Armisen-Marchetti, *Sapientiae facies, Études sur les images de Sénèque*, p. 252.

A) O PALCO

Visando convencer Mária a se conscientizar de que nada que temos é nosso de fato, o filósofo toma como exemplo o palco (*scaena*) adornado por objetos que, mais cedo ou mais tarde, retornarão a seus donos: *conlatiis et ad dominos redituris instrumentis scaena adornatur, alia ex his primo die, alia secundo referentur, pauca usque ad finem perseuerabunt* (“o palco é adornado por acessórios emprestados e que serão devolvidos a seus proprietários. Alguns deles serão restituídos no primeiro dia, outros no segundo; poucos continuarão [lá] até o fim” – *Ad Marciam de consolatione* 10, 1-2). Tal imagem simboliza a relação entre os seres humanos – os “devedores” (*debitori*) daquilo que lhes foi concedido – e a Fortuna, o máximo credor (*creditor*), que um dia pedirá de volta tudo o que emprestou aos homens.

B) A ÂNFORA

Esta imagem assemelha-se muito à do *tempus* como rio, metáfora aqui já exposta. Sêneca se vale de tal artifício comparando o líquido que primeiro vaza da ânfora aos nossos primeiros dias: *quemadmodum ex amphora primum, quod est sincerissimum, effluit, grauissimum quodque turbidumque subsidit, sic in aetate nostra quod est optimum, in primo est* (“assim como da ânfora vaza primeiramente o que é mais puro, e o mais carregado e turvo permanece no fundo, do mesmo modo o que é melhor em nossa vida está no começo” – *Ep.* 108, 26).

C) A NAVEGAÇÃO/O TURBILHÃO

A metáfora da viagem marítima e do redemoinho surgem, respectivamente, nas epístolas 49 e 101: *Erras, si in nauigatione tantum existimas minimum esse, quo [a] morte uita diducitur* (“Erras, se julgas que somente na navegação seja ínfimo o espaço que separa a vida da morte” – *Ep.* 49, 11); *Quo modo effugiemus hanc uolutationem? Vno: si uita nostra non proeminebit, si in se colligetur* (“De que maneira podemos escapar a este turbilhão? De uma só: se nossa vida não levar em conta a posteridade, se ela se recolher em si mesma” – *Ep.* 101, 9).

A alegoria da navegação é comumente relacionada à vida do insensato (*stultus*). No tratado *De breuitate uitae*, ao discorrer sobre os que se deixam levar pelas paixões, Sêneca diz: (...) *si quando aliqua fortuito quies contigit, uelut profundo mare, in quo post uentum quoque uolutatio est, fluctuantur nec umquam illis a cupiditatibus suis otium stat* (“... se acaso encontram alguma paz, do mesmo modo que no fundo do mar ainda há redemoinho depois do turbilhão, ainda assim são agitados pelas paixões, jamais o descanso se conserva neles” – II, 3).

A viagem marítima é um empreendimento arriscado, rico em incidentes e, ao mesmo tempo, implica a habilidade (*ars*) e a experiência do piloto: “símbolo da vida dos homens comuns, a navegação é figurada, antes de qualquer coisa, como um episódio perigoso. As tempestades que a perturbam representam tanto os males inerentes à condição humana e os perigos da vida social, quanto as paixões nas quais naufraga o *stultus*”.¹⁴ Da mesma forma, a navegação da vida é desorientada para os *stulti*, que não sabem para onde ir e, por isso, deixam-se levar ao capricho das ondas. Dir-se-ia, então, que o *stultus* e o *sapiens* são grandes antagonistas.

D) A NATUREZA

A *Natura*, uma das entidades que Sêneca personifica, freqüentemente surge em suas obras como a criadora de todos: a ela cabe conceder, aos homens e a tudo o que lhes concerne, seus atributos físicos (*De otio*, V, 3-4). Cabe-lhe, também, como boa “mãe”, fazer reprimendas contra os atos que considera inconvenientes. Na epístola 22 a Lucílio, o estóico empresta à natureza um discurso,¹⁵ que ela, insatisfeita com seus “filhos”, não se intimida em fazer: *Quid hoc est? Sine cupiditatibus uos genui, sine timoribus, sine superstitione, sine perfidia ceterisque pestibus: quales intrastis exite* (“O que significa isto? Eu vos gerei desprovidos de cobiça, de temores, de superstições, de perfídia e de outras desgraças: ide embora da mesma maneira que viestes”).

E) A ÁRVORE

Talvez a alegoria da árvore que perde suas folhas e depois as substitui seja uma das mais belas imagens encontradas em Sêneca. Essa metáfora simboliza a inevitável perda daqueles que prezamos. Mais uma vez a certeza frente ao fato de que vamos morrer é reforçada: morreremos assim como caem as folhas das árvores; mas, *quemadmodum frondium iactura facilis est, quia renascuntur, sic istorum, quos amas quosque oblectamenta uitae putas esse, damnum, quia reparantur, etiam si non renascuntur* (“do mesmo modo que a perda das folhas é suportável, porque elas renascem, assim também é a dos que amas e julgas serem as alegrias de tua vida, porquanto podem ser substituídos, mesmo se não nascem de novo” – *Ep.* 104, 11).

14. Marchetti, *op. cit.*, p. 270.

15. Um “discurso fictício”. Em relação a isso, Armisen-Marchetti (*op. cit.*, pp. 253-254.) nos afirma: “Trata-se de um caso em que se endereça um discurso a uma abstração, sugerindo, assim, a possibilidade de um diálogo, tornando a entidade abstrata um ser dotado de sentimento e compreensão”.

F) A VELHICE/A MORTE

Vetustas e *Mors* são certamente as duas personificações que detêm o poder de destruir a tudo e a todos, dispersando a união entre as pessoas e pondo fim a todos os prazeres: ‘*Optima quaeque dies miseris mortalibus aevi/ prima fugit: subeunt morbi tristisque senectus,/ et labor et durae rapit inclementia mortis*’ (“Todos os melhores dias da vida dos míseros mortais/ são os primeiros que fogem: insinuam-se as doenças e a triste velhice/ e a fadiga e a dureza da cruel morte que nos arrebatam”).¹⁶ Em outra obra, em que Sêneca busca consolar Márcia pela perda de um filho, a velhice assume o papel de *domina*; em suas mãos está a decisão de arruinar tudo aquilo que faz parte do mundo: (...) *omnia sternet abducatque secum vetustas. Nec hominibus solum (...), sed locis, sed regionibus, sed mundi partibus ludet. Totos supprimet montes et alibi rupes in altum novas exprimet; maria sorbebit, flumina auertet et commercio gentium rupo societatem generis humani coetumque dissoluet (...). Et cum tempus aduenerit, quo se mundus renouaturus extinguat (...) uno igni quidquid nunc ex disposito lucet ardebit* (“... a velhice derrubará e levará consigo todas as coisas. E ela não se divertirá somente com os homens..., mas também com os lugares, as regiões, as partes do mundo. Esmagará montes inteiros e, em outro lugar, erguerá às alturas novas rochas; engolirá os mares, dará aos rios outra direção e, uma vez rompida a relação entre os povos, destruirá a aliança e a sociedade do gênero humano... e quando tiver chegado a hora em que o mundo, prestes a começar de novo, tenha um fim..., tudo aquilo que agora brilha em harmonia queimará em um único incêndio” – *Ad Marciam de consolatione* 26, 6).

Percebe-se que Sêneca, utilizando-se dos artifícios analisados – metáforas, verbos, imagens –, constrói um discurso retórico na tentativa de convencer seus discípulos a tomar consciência de quão vacilante e fugidia é a vida humana. Traina nos lembra, inclusive, que a insistência do cordovês em alertar seus *discipuli* frente à incerteza do amanhã não se apóia somente em um moralismo abstrato. Sêneca o faz, digamos, “com conhecimento de causa”. Afinal, como se sabe, viveu em épocas de grande tumulto em Roma: foi ameaçado por Calígula, exilado sob o governo de Cláudio e condenado à morte por Nero.¹⁷ Retomando o que diz Zambrano, a concepção negativa de *tempus*, para o filósofo, tem como pano de fundo um “estado de angústia, desengano ou vazio” (p. 71).

Este sentido de tempo conduz, fatalmente, a uma outra realidade: a da morte, uma vez que esta também faz parte da vida e não deve, de maneira alguma, ser temida. É isso que Sêneca aconselha a Lucílio: *quantum potes*

16. Citação de Virgílio. *Ep.* 108, 24.

17. Para conhecer mais aspectos biográficos de Sêneca, cf. P. Grimal, *Sénèque, sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*, pp. 1-35.

itaque, ipse te cohortare, Lucili, contra metum mortis: hic est, qui nos humiles facit; hic est, qui uitam ipsam, cui parcat, inquietat ac perdit (“Dessa forma, Lucílio, encoraja a ti mesmo, o quanto conseguires, contra o medo da morte: é ele que nos rebaixa, é ele que atormenta e põe a perder essa mesma vida que guarda consigo” – *Naturales Quaestiones* 6, 32, 9). Em outra obra, há um alerta: *cui nasci contigit, mori restat. Interualis distinguimur, exitu aequamur* (“a quem coube nascer, resta morrer. Diferenciamo-nos pelo tempo de vida, mas nos tornamos iguais pela morte” – *Ep.* 99, 9); *nihil cuiquam nisi mors certum est* (“ninguém tem nada certo a não ser a morte” – *ibidem*). Tudo no homem é bem fugitivo, porque é um empréstimo; nosso próprio ser não é nada além de um empréstimo: o homem possui bens – inclusive o tempo – que deverão ser restituídos algum dia, agradecendo por terem sido nossos. O *sapiens* que faça jus à sua condição não se rebelará nem lutará contra a morte: pelo contrário, a resignação será, digamos, seu ponto forte. Ele cederá a ser consumido pelo tempo.¹⁸

A esta altura perguntar-se-ia se tal concepção angustiante de *tempus*, baseada na sua fugacidade e na certeza de que ele um dia será levado de nós – ou nos levará embora – percorre, sem exceção, toda a obra de Sêneca. Se confrontarmos o que foi analisado até o momento com a epístola 1 (vide anexo) e com algumas passagens do *De breuitate uitae*, a resposta é negativa. Nessas duas obras, cujo objetivo é a exortação à filosofia¹⁹, há semelhanças evidentes: “em um e outro caso, a finalidade é a mesma: criar no espírito do interlocutor a necessidade de filosofar. E, por isso, a experiência do tempo é uma maneira particularmente eficaz”.²⁰ Em tais obras, vai-se enfatizar o bom uso do tempo, a saber, a renúncia aos valores habitualmente associados ao desenrolar de sua duração: ao passado, à espera ansiosa pelo futuro, ao desespero frente ao caráter fugaz do presente.

No tratado *De breuitate uitae*, Sêneca divide o tempo em três fases: *quod fuit, quod est, quod futurum est: ex his quod agimus breue est, quod acturi sumus dubium, quod egimus certum* (“o que foi, o que é, o que será: entre eles, o que estamos vivendo é efêmero, o que vamos viver é duvidoso e o que já vivemos é seguro” – X, 2). Sob essa ótica, é lícito afirmar que só o passado nos pertence: podemos trazê-lo à memória e, neste sentido, ele é

18. Sêneca levou ao extremo essa resignação: “A morte de Sêneca é a morte do suicida que não quer nem ao menos parecê-lo, para remover qualquer rastro de violência e de protesto (...). Morre silenciosamente. Silenciosa e teatralmente, por mais difícil que pareça”. Zambrano, *op. cit.*, p. 84.

19. Cf. Besselaar, *O progressismo de Sêneca* (pp. 13-14): “De acordo com as tendências pragmáticas da índole romana, a Estoa, uma vez transplantada para Roma, foi acentuando cada vez mais seu caráter eticista. Sêneca, ainda que reconhecendo a lógica e, sobretudo, a física como partes integrantes do sistema, acabou por subjugar-las completamente à moral”.

20. P. Grimal, “Place et rôle du temps dans la philosophie de Sénèque”, *Revue des études anciennes* (Tome LXX), 1969, p. 100.

sempre nosso. Mas se, por um lado, é possível que o contemplemos quando quisermos, por outro, não se pode fazer uso dele, pois o que já se foi, *quod fuit*, escapa à nossa ação. E é por isso que Marco Aurélio (121-180 d.C.), também estóico, diz que o passado é tão alheio a nós quanto o futuro. O único tempo que realmente nos pertence é o presente, *quod est*, ainda que tenha um caráter fugaz e infinitesimal:²¹ é o tempo em que podemos **agir**. Mas somente o sábio é capaz de prestar atenção ao último. O insensato se deixa distrair pelo futuro, por aquilo que espera ou que crê ameaçador, e é dessa forma que ele perde seu tempo.²²

Na epístola 1 a Lucílio, no momento em que Sêneca começa a expor ao discípulo os primeiros elementos da “espiritualidade” estóica, suas primeiras palavras pretendem exortar seu amigo a estabelecer uma economia severa de seu tempo: *Ita fac, mi Lucili, uindica te tibi, et tempus, quod adhuc aut auferebatur aut subripiabatur aut excidebat, collige et serua* (“Age deste modo, meu caro Lucílio: recupera, a ti, tu mesmo, e o teu tempo, que até então ou era arrebatado ou levado ou te escapava, retoma-o e conserva” – *Ep.* 1, 1). Para não se deixar levar pelo medo ou, simplesmente, para não viver pensando no futuro – visto que isso concerne ao *stultus* –, o filósofo aconselha: (...) *omnes horas complectere; sic fiet ut minus crastino pendeas, si hodierno manum inieceris* (“... apodera-te de todas as horas; assim acontecerá que menos dependas do porvir, se agarrares o dia de hoje” – *Ep.* 1, 2).

A diferença crucial entre o pensamento de Sêneca e o de Marco Aurélio consiste no fato de que, para o primeiro, não é necessário excluir, para o bom uso do presente, o passado e o futuro. Ao contrário: deve-se empregar o tempo atual da melhor maneira possível, para que relembrar o passado não traga arrependimentos e a fim de que, quando o futuro tiver chegado, possa residir na alma a tranqüilidade de se ter bem vivido. E o sábio não se importa em volver a memória para o *quod fuit*, pois não procedeu como os insensatos.

As considerações aqui expostas tiveram por finalidade elucidar a questão do *tempus* em Sêneca. Por sua vastidão, o assunto proposto neste estudo preliminar não traz conclusões definitivas. Uma análise mais aprofundada dos escritos do estóico será feita no momento oportuno. Por ora, percebe-se que, através das imagens analisadas, não se exclui a dimensão abstrata do tempo; porém, enfatiza-se a materialidade presente na etimologia do termo latino. Com o uso de imagens, o filósofo equipara o tempo a coisas: de certo modo, o tempo é representado como submetido às mesmas leis e intempéries a que as coisas concretas estão submetidas. A realidade dessa percepção “material” do tempo pode ser vista na obra de Dalí.

21. “Um intervalo breve e infinitesimal nos foi dado” (M. Aurélio, *Medit.* V, 24). Citado por Goldschmidt, V. *Le système stoïcien et l'idée du temps*. Paris, 1977, p. 73.

22. J. Moreau, “Sénèque et le prix du temps”, *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, Paris, 1969, p. 121.

A exposição acima parece suficiente para que possamos, enfim, passar à tradução propriamente dita.

Ad Lucilium epistulae morales 1, 1-3

Ita fac, mi Lucili, uindica te tibi, et tempus, quod adhuc aut auferebatur aut subripiabatur aut excidebat, collige et serua. Persuade tibi hoc sic esse, ut scribo: quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt. Turpissima tamen est iactura, quae per negligentiam fit. Et si uolueris adtendere, magna pars uitae elabitur male agentibus, maxima nihil agentibus, tota uita aliud agentibus. Quem mihi dabis, qui aliquod pretium tempori ponat, qui diem aestimet, qui intellegat se cotidie mori? In hoc enim fallimur, quod mortem prospicimus: magna pars eius iam praeteriit. Quidquid aetatis retro est, mors tenet. Fac ergo, mi Lucili, quod facere te scribis, omnes horas complectere; sic fiet ut minus ex crastino pendeas, si hodierno manum inieceris. Dum differtur, uita transcurrit. Omnia, Lucili, aliena sunt, tempus tantum nostrum est; in huius rei unius fugacis ac lubricae possessionem natura nos misit, ex qua expellit quicumque uult. Et tanta stultitia mortalium est, ut quae minima et uilissima sunt, certe reparabilia, inputari sibi, cum impetrauere, patiantur, nemo se iudicet quicquam debere, qui tempus accepit, cum interim hoc unum est, quod ne gratius quidem potest reddere.

Age deste modo, meu caro Lucílio: recupera, a ti, tu mesmo, e o teu tempo, que até então ou era arrebatado ou levado ou te escapava, retoma-o e conserva. Convence-te de que isso é assim como escrevo: alguns momentos²³ nos são arrancados, outros são suprimidos, e outros se esvaem.²⁴ No entanto, é extremamente vergonhoso o desperdício que acontece por descuido. E, se desejares prestar atenção, grande parte da vida se esvai em fazer o mal, a maior parte em nada fazer e a vida inteira em se fazer outra coisa.²⁵ Quem me

23. *tempora*: “(...) (pl.) a duração da existência de uma pessoa ou coisa, tempo de vida, dias”. Tendo em vista a quinta acepção de *tempus* no dicionário de Oxford, a tradução de *tempora* como “momentos” nos pareceu a mais adequada aqui.

24. *effluunt*: um verbo forte; tem-se mesmo a impressão de que se podem ouvir, digamos, as águas de um rio que está correndo. Em seu estudo que contempla o tema do *tempus* em obras de Sêneca, Traina diz que, para nosso estóico, “as metáforas favoritas são três: o rio, o ponto e o abismo (p. XI), sendo que o rio simboliza o tempo em seu curso contínuo”. Tal é a imagem que tentamos manter pela tradução de *effluunt* como “esvaem”.

25. Fazer o mal, nada fazer, fazer outras coisas: tudo isso leva ao desperdício da vida, tornando-a mais breve do que ela de fato é. Cf. *De breuitate uitae*, II, 1: *alius uino madet* (“um embebeda-se de vinho”) – fazer o mal; *alius inertia torpet* (“outro se imobiliza na preguiça”) – nada fazer; *quosdam torquet cupido militiae numquam non aut alienis periculis intentos et suis anxios* (“o desejo pelo serviço militar inquieta alguns, sempre atentos ou aos perigos de outros, ou aflitos com os próprios”).

apresentarás²⁶ que dê algum valor ao tempo, que faça caso do dia, que entenda que está morrendo todos os dias? Pois nisto nos iludimos: vemos a morte adiante de nós, mas grande parte dela já passou. Todo momento da vida²⁷ que está no passado, a morte guarda. Faze então, meu caro Lucílio, o que escreves estares fazendo, apodera-te de todas as horas; assim acontecerá que menos dependas do porvir, se agarrares o dia de hoje. Enquanto se adia, a vida passa. Todas as coisas, Lucílio, são alheias, apenas o tempo é nosso. A natureza nos ofereceu a posse dessa singular ventura,²⁸ passageira e incerta, da qual nos exclui qualquer um que queira. E tamanha é a ignorância dos mortais que admitem que coisas ínfimas e sem valor algum, certamente recuperáveis, sejam creditadas a si, uma vez que eles as obtêm, e não há ninguém que, tendo recebido o tempo, julgue estar devendo algo, ao passo que essa é a única coisa que nem mesmo [estando] agradecido possa devolver.²⁹

Ad Lucilium epistulae morales 12, 8-9

Sic ordinandus est dies omnis, tamquam cogat agmen et consummet atque expleat uitam. Pacuuius, qui Syriam usu suam fecit, cum uino et iliis funebribus epulis sibi parentauerat, sic in cubiculum ferebatur a cena, ut inter plausus exoletorum hoc ad symphoniam caneretur: βεβίωται, βεβίωται. Nullo non se die extulit. Hoc, quod ille ex mala conscientia faciebat, nos ex bona faciamus et in somnum ituri laeti hilaresque dicamus: “Vixi et quem dederat cursum fortuna, peregi”. Crastinum si adiecerit deus, laeti recipiamus. Ille beatissimus es et securus sui possessor, qui crastinum sine sollicitudine expectat; quisquis dixit “Vixi”, cotidie ad lucrum surgit.

Assim se deve programar cada dia, como se a série se fechasse, consumisse e desse fim à vida. Pacúvio, que usufruiu da Síria como se fosse sua, uma vez que, com vinho e banquetes fúnebres, havia prestado honras a si mesmo, de tal forma era levado do jantar para seu quarto, enquanto, entre os aplausos de

26. *Quem mihi dabis*: por vezes, essa expressão pode ser traduzida como se fosse impessoal (“quem há que...”). Não obstante, há outras duas traduções consultadas que mantêm o verbo na segunda pessoa do singular: “Poderás apresentar-me alguém...” e “Podes indicar-me alguém...”, encontradas, respectivamente, em Braren (*Letras Clássicas*, n. 3, 1999) e em Segurado e Campos (*Cartas a Lucílio*, 1991).

27. *aetas*: “idade”, “tempo de vida, período da vida, época, século, geração” (cf. Saraiva). Por vezes, torna-se difícil manter a expressão ou o termo latino; todavia, a tradução acima parece oportuna.

28. *rei unius* (literalmente, “desta única coisa”). Em várias passagens do tratado *De breuitate uitae*, Sêneca afirma ser o tempo *res omnium pretiosissima* (“a coisa mais preciosa de todas”); o tempo, por ser a única coisa que realmente nos pertence (vide tradução), passa a ser o sumo bem. Todas as outras coisas – dinheiro, prazeres, beleza – são o que Grimal chamaria de *faux biens* (“falsos bens”).

29. Pois, uma vez que se esvai, o tempo não pode ser recuperado.

seus favoritos e ao som do coro, cantava-se isto: “morreu, morreu”.³⁰ Todos os dias ele se enterrava. Isso, que ele fazia em má consciência, façamos, nós, em boa consciência e, ao nos deitarmos, possamos dizer, satisfeitos e alegres: “vivi, e o curso que a Fortuna dera, terminei”.³¹ Se deus nos tiver concedido o amanhã, que o aceitemos felizes. É o mais afortunado e dono certo de si mesmo³² aquele que espera o amanhã sem preocupação.³³ Todo aquele que disse “vivi”, diariamente tira proveito ao se levantar.³⁴

Ad Lucilium epistulae morales 22, 14-17

“Nemo non ita exit e uita, tamquam modo intrauerit”. Quemcumque uis occupa, adulescentem senem medium: inuenies aequae timidus mortis, aequae inscium uitae. Nemo quicquam habet facti, in futurum enim nostra distulimus. Nihil me magis in ista uoce delectat quam quod exprobratur senibus infantia. “Nemo”, inquit, “aliter quam qui modo natus est exit e uita”. Falsum est: peiores morimur quam nascimur. Nostrum istud, non naturae uitium est. Illa nobiscum queri debet et dicere: “Quid hoc est? Sine cupiditatibus uos genui, sine timoribus, sine superstitione, sine perfidia ceterisque pestibus: quales intrastis exite”. Percepit sapientiam, si quis tam securus morietur quam nascitur; nunc uero trepidamus, cum periculum accessit, non animus nobis, non color constat, lacrimae nihil profuturae cadunt. Quid est turpius quam in ipso limine securitatis esse sollicitum? Causa autem haec est, quod inanes omnium bonorum sumus, uita (e)lapsa laboramus. Non enim apud nos pars eius ulla subsedit: transmissa est et effluxit. Nemo quam bene uiuat, sed quam diu, curat, cum omnibus possit contingere, ut bene uiuant, ut diu, nulli.

“Cada um sai da vida desta forma, como se [nela] tivesse entrado há pouco tempo”. Toma como exemplo o jovem, o velho, o homem de meia-idade, quem quer que seja: encontrarás tanto o que tem medo da morte quanto o

30. Poderia, esse, ser um exemplo de *desidiosa occupatio* (“ocupação indolente”), sobre a qual Sêneca discorrerá no seu tratado *De breuitate uitae* (VII, 1, 2; XII, 1-5). Para o filósofo, aqueles que se entregam a tal sorte de ocupações fazem precipitar, ainda mais, a fuga do irrecuperável tempo. Vale acrescentar que o verbo “morrer”, no original, encontra-se em grego; trata-se do perfeito de “viver”.

31. Citação de Virgílio, *Eneida*, IV, 653.

32. Cf. *De breuitate uitae*: (...) *ille illius culter est, hic illius; suus nemo est* (“aquele é empregado deste, este daquele; ninguém pertence a si mesmo” – II, 4).

33. *sine sollicitudine (...) ille qui nullum non tempus in usus suos confert, qui omnes dies tamquam uitam ordinat, nec optat crastinum nec timet* (“todo aquele que dedica o tempo a seus próprios proveitos, que administra todos os seus dias, assim como sua vida, nem pede pelo amanhã **nem o teme**” – VII, 9).

34. *surgit*: “ergue-se”, “levanta”, em oposição a *in somnum ituri*.

que não faz conta da vida. Ninguém tem nada [já] feito,³⁵ pois adiamos nossos assuntos para o futuro. Nada me agrada mais, nesse adágio, do que isto: a infância ser censurada nos velhos. Diz-se: “Ninguém sai da vida de modo diferente do que como nasceu”. Isso é falso: piores somos quando morremos do que quando nascemos. Esse defeito³⁶ é nosso, não da natureza. Ela deve queixar-se conosco e dizer: “O que significa isto? Eu vos gerei³⁷ desprovidos de cobiça, de temores, de superstições, de perfídia e de outras desgraças: ide embora da mesma maneira que vestes”. Se alguém vier a morrer tão seguro como [quando] nasce, adquiriu sabedoria; nesse momento estamos deveras receando e, uma vez que sobreveio o perigo, não há energia em nós, nosso aspecto não se mantém, e lágrimas caindo em nada serão eficazes.³⁸ O que é mais vergonhoso do que estar preocupado com a tranqüilidade no próprio limiar da paz? Mas o motivo é este: que somos desprovidos de todas as coisas boas, sofremos porque a vida passou. Pois não resta em nós parte alguma dela: ela transpôs-se e foi embora. Ninguém se interessa por quão bem se viva, mas sim por quanto tempo, embora viver bem possa competir a todos; por quanto tempo, a ninguém.

Ad Lucilium epistulae morales 24, 25-26

Vir fortis ac sapiens non fugere debet e uita, sed exire: et ante omnia ille quoque uitetur adfectus, qui multos occupauit, libido moriendi. Est enim, mi Lucili, ut ad alia, sic etiam ad moriendum inconsulta animi inclinatio, quae saepe generosos atque acerrimae indolis uiros corripit, saepe ignauos iacentesque; illi contemnunt uitam, hi grauantur. Quosdam subit eadem faciendi uidendique satietas et uitae non odium sed fastidium, in quo prolabimur ipsa impellente philosophia, dum diximus: “Quousque eadem? Nempe expergiscar, dormiam, [edam] esuriam, algebo aestuabo. Nullius rei finis est, sed in orbem nexa sunt omnia, fugiunt ac sequuntur; diem nox premit, dies noctem, aestas in autumnum desinit, autumnus hiemps instat, quae uere conpescitur; omnia sic transeunt ut reuertantur. Nihil noui facio, nihil noui uideo: fit aliquando et huius rei nausia”. Multi sunt, qui non acerbum iudicent uiuere, sed superuacuum.

35. *Nemo quicquam habet facti.* Cf. *Ep. 1: Omnia, Lucili, aliena sunt, tempus tantum nostrum est* (“todas as coisas, Lucílio, são alheias, apenas o tempo é nosso”). Assim mesmo, o tempo só será nosso se dele soubermos desfrutar corretamente.

36. *uitium*: “defeito”, ou mesmo “vício”, no sentido de “erro”, que é inerente a todo ser humano. Cf. *De otio*, I, 1: (...) *nobis magno consensu uitia commendant* (...) (“...recomendam-nos, com grande acordo, os vícios”).

37. *uos genui*: aqui, como em diversas outras obras de Sêneca, a natureza aparece como “mãe” de todas as coisas. A celebração da natureza é um adágio estoíco. Cf. *De otio*, V, 3-4.

38. Literalmente, “lágrimas nada eficazes cairão”.

O homem corajoso e sábio não deve esgueirar-se da vida, e sim sair dela; e também, antes de tudo, deve-se evitar aquela disposição da alma que a muitos dominou:³⁹ a vontade de morrer. Pois também há, meu caro Lucílio, assim como para outras coisas, uma tendência da alma imprudente para morrer; tal tendência muitas vezes perturba os homens nobres e de índole extremamente resoluto, muitas vezes os covardes e os prostrados; aqueles não fazem caso da vida, estes a suportam com dificuldade. Em alguns se insinua a saciedade de fazer e ver as mesmas coisas e não é só o ódio, mas sim o fastio da vida, no qual nos resvalamos, induzidos pela própria filosofia, ao dizermos: “Até quando as mesmas coisas? Certamente dormirei, terei fome, sentirei frio e calor. Não há fim de nada, mas tudo está concatenado em círculo, as coisas passam e deixam-se ir; a noite comprime o dia, o dia a noite, o verão termina em outono, do outono se aproxima o inverno, que é interrompido pela primavera: dessa maneira todas as coisas passam, para que possam retornar.⁴⁰ Não faço nada de novo: em vista disso ocorre, de vez em quando, um enfado também deste modo de vida”. Muitos há que não julgam que viver seja penoso, e sim irrelevante.

Ad Lucilium epistulae morales 91, 7-12

Nihil priuatim, nihil publice stabile est; tam hominum quam urbium fata uoluuntur. Inter placidissima terror existit nihilque extra tumultuantibus causis, mala unde minime expectabantur erumpunt. Quae domesticis bellis steterant regna, quae externis, impellente nullo ruunt: quata quaeque felicitatem ciuitas pertulit? Cogitanda ergo sunt omnia et animus aduersus ea quae possunt euenire, firmandus. Exilia, tormenta, bella, naufragia meditare. Potest te patriae, potest patriam tibi casus eripere, potest te in solitudines abigere, potest hoc ipsum in quo turba suffocatur, fieri solitudo. Tota ante oculos sortis humanae condicio ponatur, nec quantum frequenter euenit, sed quantum plurimum potest euenire, praesumamus animo, si nolumus opprimi nec illis inusitatis uelut nouis obstupescere: in plenum cogitanda fortuna est. Quotiens Asiae, quotiens Aethiopiae urbes uno tremore ceciderunt? Quot oppida in Syria, quot in Macedonia deuorata sunt? Cyprum quotiens uastauit haec clades? Quotiens in se Paphus corruit? Frequenter nobis nuntiati sunt totarum urbium interitus, et nos inter quos ista frequenter nuntiantur, quata pars omnium sumus? Consurgamus itaque aduersus fortuita et quicquid inciderit, sciamus non esse tam magnum quam rumore iactetur. Ciuitas arsit opulenta ornamentumque

39. *Qui multos occupauit*. Por vezes, em Sêneca, entidades abstratas – *tempus, uita, libido moriendi* – assumem um caráter de concretude, apresentando-se personificados e “dominando” os homens fracos.

40. *Transeunt...reuertantur* (“vão embora para que retornem”). Na epístola 104 a Lucílio, o ciclo da natureza e, conseqüentemente, da vida humana, manifesta-se através da belíssima e célebre imagem das folhas das árvores como metáfora da vida de cada um. As folhas já caídas, uma vez que não podem voltar, ao menos se substituem.

prounciarum quibus et inserta erat et excepta, uni tamen inposita et huic non latissimo monti: omnium istarum ciuitatum quas nunc magnificas ac nobiles audis, uestigia quoque tempus eradet. Non uides quemadmodum in Achaia clarissimarum urbium iam fundamenta consumpta sint nec quicquam exstet ex quo appareat illas saltem fuisse? Non tantum manu facta labuntur nec tantum humana arte atque industria posita uertit dies: iuga montium diffluunt, totae desedere regiones, operta sunt fluctibus quae procul a conspectu maris stabant. Vasta uis ignium colles per quos relucebat, erosit et quondam altissimos uertices, solacia nauigantium ac speculas, ad humile deduxit. Ipsius naturae opera uexantur et ideo aequo animo ferre debemus urbium excidia. Casurae stant: omnis hic exitus manet, siue uentorum uis flatusque per clusa uiolenti pondus sub quo tenentur, excusserint siue torrentium in abdito uastior obstantia effregit siue flammaram uiolentia compaginem soli ruperit siue uetustas, a qua nihil tutum est, expugnauerit minutatim siue grauitas caeli egresserit populos et situs deserta corruerit. Enumerare omnes fatorum uias longum est. Hoc unum scio: omnia mortalium damnata sunt, inter peritura uiuimus.

Nenhum interesse particular ou público é estável; tanto o destino dos homens quanto o das cidades são continuamente revolvidos. Entre a mais absoluta paz surge o pavor e, sem nenhum motivo aparente, o mal irrompe de onde menos se esperava. Os reinos que se ergueram através de guerras civis e estrangeiras desabam sem que ninguém os empurre: quantos são os Estados que desfrutaram de prosperidade até o fim? Portanto, deve-se estar preparado para tudo e fortalecer a alma contra o que pode acontecer. Medita sobre os exílios, os suplícios, as guerras, os naufrágios. O acaso pode te arrancar da pátria, ou arrancar a pátria de ti;⁴¹ pode te lançar aos desertos, pode transformar esse mesmo lugar, no qual se aperta a multidão, em um deserto. Que toda a condição humana seja posta diante dos olhos e antecipemos, na mente, não o que com freqüência acontece, mas sim a pluralidade do que pode acontecer, se não quisermos ser pegos de surpresa nem ficar estupefatos frente às coisas extraordinárias, como se fossem novidades: deve-se pensar na Fortuna como um todo. Quantas vezes as cidades da Ásia Menor e as da Acaia vieram abaixo devido a um único tremor de terra? Quantas cidadelas na Síria, quantas na Macedônia foram engolidas? Quantas vezes esse flagelo devastou Cipro? Quantas vezes Pafos desabou sobre si mesma? Muitas vezes nos foram anunciados desaparecimentos de cidades inteiras, e nós, entre esses eventos que com freqüência são anunciados, que parte do universo somos?⁴²

41. *eripere*: “tomar”, “arrancar”. Cf. *Ep. 1, 1: quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt* (“alguns momentos nos são arrancados, outros são suprimidos, e outros se esvaem”).

42. *quota*: “que parte”. Na consolação a Márcia, *quota* indica o desprezo de Sêneca pelos homens: *nec hominibus solum (quota enim ista fortuitae potentiae portio est?)...ludet*, “e ela – referindo-se a *uetustas* – não se divertirá somente com os homens (pois que limitada parte de um aparente poder é essa?)”.

Assim, estejamos firmes frente aos acontecimentos fortuitos e, o que quer aconteça, saibamos que não é coisa tão grave como se diz. Uma opulenta cidade abrasou-se, ornamento de suas províncias, pelas quais tanto era circundada quanto distinta; no entanto, estava posta sobre uma única montanha, de tamanho bastante medíocre: de todas essas cidades, que agora ouves dizer que são poderosas e célebres, o tempo também apagará os vestígios. Não vês como já na Acaia os alicerces de famosíssimas cidades foram consumidos, e nenhum subsiste, que possa indicar que elas ao menos existiram? Não somente as obras feitas por nossas mãos caem em ruínas, nem somente o instante revolve o que foi estabelecido pela arte e pela aplicação humana: os cimos das montanhas se desfazem; regiões inteiras afundaram, cobertas pelas ondas, embora ficassem distantes da vista do mar. Um violento fogo devastador consumiu as serras que iluminava e pôs por terra⁴³ montes outrora elevadíssimos, que eram a segurança⁴⁴ dos navegantes e postos de observação. As criações da própria natureza são maltratadas e, por isso mesmo, devemos suportar com tranqüilidade a devastação das cidades. Elas estão em pé somente para cair.⁴⁵ Este fim espera por todas elas, seja quando a força interna dos ventos, soprando com um golpe violento por lugares fechados, tiver derrubado aquilo sob o qual é retida, seja quando a fúria das torrentes tiver desmoronado, em um lugar afastado, o obstáculo mais colossal, seja quando a violência das chamas tiver rompido a constituição do solo, seja quando a velhice, da qual nada está a salvo,⁴⁶ tiver arrebatado tudo, parte por parte, seja quando a insalubridade do clima tiver obrigado os povos a se mudar e a corrupção tiver deteriorado o que se tornou deserto. Enumerar todos os caminhos do destino seria demorado. É só isto o que sei: todas as obras mundanas estão condenadas à morte, vivemos entre coisas que vão perecer.

43. *ad humile deduxit*: aqui, *humilis* é empregado em seu sentido mais concreto; cf. também *Naturales Quaestiones* 6, 32, 9: *hic est qui nos humiles facit* (“é ele – o *metus mortis* – que nos ‘torna chãos’/ que nos envilece”).

44. *solacia*: cf. *Ad Marciam de consolatione* 26, 6: *si tibi potest solacio esse desiderii tui commune fatum* (“se uma fatalidade comum te pode servir de **consolo** a teu pesar”).

45. *Casurae stant*: “elles ne sont debout que pour tomber”. Cf. Sénèque, *Lettres a Lucilius* (Tome IV). *Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot*. Paris: Les Belles Lettres, p. 47.

46. *uetustas, a qua nihil tutum est*. Cf. *Ad Marciam de consolatione* 26, 6: *omnia sternet abducatque secum uetustas (...) totos supprimet montes (...), maria sorbebit, flumina auertet et commercium gentium rupto societatem generis humani coetumque dissoluet* (“a velhice derrubará e levará consigo todas as coisas... esmagará montes inteiros... engolirá os mares, dará aos rios outra direção e, uma vez rompida a relação entre os povos, destruirá a aliança e a sociedade do gênero humano”).

BIBLIOGRAFIA

I – Obras de referência:

- GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. New York: Oxford University Press, 1982.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s.d.

II – Autores antigos:

- SÉNÈQUE, L. A. *Dialogues* (t. IV). Texte établi et traduit par René Waltz. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- _____. *Dialogues* (t. III). Texte établi et traduit par A. Bourgery. Paris: Les Belles Lettres, 1955.
- _____. *Lettres a Lucilius*. Texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

III – Estudos:

- ALBERTINI, E. *La composition dans les ouvrages philosophiques de Sénèque*. Paris: E. de Boccard, 1923.
- ARMISEN-MARCHETTI, M. *Sapientiae facies. Études sur les images de Sénèque*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- BENVENISTE, É. “Latin ‘tempus’”. In *Mélanges de Philosophie, de Littérature et d’Histoire anciennes offerts à Alfred Ernout*. Paris: Klincksieck, 1940, p. 11-16.
- BRAREN, I. “O valor do tempo (Sêneca, *Epístolas morais a Lucílio*, ‘Epístola 1’)”. *Letras Clássicas*, n. 3, 1999, p. 291s.
- CONTE, G. B. *Latin literature: a history*. Baltimore/London: Johns Hopkins University Press, 1994.
- _____. *The rhetoric of imitation*, with a foreword by Charles Segall. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1996.
- GOLDSCHMIDT, V. *Le système stoïcien et l’idée du temps*. Paris: J. Vrin, 1977.
- GRIMAL, P. *La vie à Rome dans l’antiquité*. Paris: Université de France, 1960.
- _____. *Sénèque: sa vie, son œuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.
- _____. “Place et rôle du temps dans la philosophie de Sénèque”. *Revue des Études Anciennes*, 1968, p. 92-109.
- JONES, P. & SIDWELL, K. *The world of Rome: an introduction to Roman culture*. New York: Cambridge University Press, 1997.
- LÓPEZ-KINDLER, A. *Función y estructura de la sententia en la prosa de Seneca*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1966.
- MOREAU, J. “Sénèque et le prix du temps”. *Bulletin de l’Association Guillaume Budé*, 1969, p. 119-124.

- NOVAK, M. G. “Estoicismo e epicurismo em Roma”. *Letras Clássicas*, n. 3, 1999, p. 257-273.
- PEREIRA, M. H. R. *Estudos de história da cultura clássica* (vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- SEGURADO E CAMPOS, J. A. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- TRAINA, A. “Il tempo e la saggezza”. In: Seneca. *La brevità della vita*. Torino: Loescher Editore, 1996.
- VEYNE, P. (org.) *História da vida privada* (vol. I). São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- ZAMBRANO, M. *El pensamiento vivo de Séneca*. Madrid: Ediciones Siruela, 1994.

